

EDIÇÃO REVISTA E AUMENTADA

PORTUGUESAS

COM

GRANDE

Lúcia Vicente

ILUSTRAÇÕES
Cátia Vidinhas

50 Mulheres que tiveram a coragem de sonhar
e mudar a sua vida. E a dos outros.



ÍNDICE

PREFÁCIO – MARISA MATIAS	11
INTRODUÇÃO	14
CAROLINA BEATRIZ ÂNGELO	16
BEATRIZ COSTA	18
BRANCA EDMÉE MARQUES	20
VIEIRA DA SILVA	22
ELISABETE JACINTO	24
ANTÓNIA RODRIGUES	26
CATARINA EUFÉMIA	28
D. MARIA II	30
ANA DE CASTRO OSÓRIO	32
MARQUESA DE ALORNA	34
CESINA BERMUDES	36
FERREIRINHA	38
NATÁLIA CORREIA	40
MATILDE BENSAÚDE	42
AMÁLIA RODRIGUES	44
JOSEFA D'ÓBIDOS	46
FLORBELA ESPANCA	48
MARIA VELEDA	50
MARIA DE LOURDES PINTASILGO	52
MARIA TERESA HORTA	54
HELENA PAIXÃO E TERESA PIRES	56
PADEIRA DE ALJUBARROTA	58
CELESTE MOUSACO	60
PAULA REGO	62
SEVERA	64
MARIA JOSÉ ESTANCO	66
TETÉ	68

MARIA ARCHER	70
CHICA DA SILVA	72
ALICE MODERNO	74
MARIA LAMAS	76
BÁRBARA VIRGÍNIA	78
LUÍSA TODI	80
GRÁCIA MENDES NASI	82
SARAH AFFONSO	84
SACUNTALA DE MIRANDA	86
VIRGÍNIA QUARESMA	88
JÚLIA PEREIRA	90
ELEONORA DA FONSECA PIMENTEL	92
ADELAIDE CABETE	94
MARGARIDA DE ABREU	96
ROSA MOTA	98
PRETA FERNANDA	100
MARIA DE LOURDES BRAGA DE SÁ TEIXEIRA	102
GEORGINA RIBAS	104
ANA SALAZAR	106
VIRGÍNIA MOURA	108
ISABEL RILVAS	110
OLGA MARIANO	112
JULIANA DIAS DA COSTA	114
MULHERES ANÓNIMAS	116
PARA SABERES MAIS – QUEM É?	119
PARA SABERES MAIS – O QUE É?	123
CÁTIA VIDINHAS	136
LÚCIA VICENTE	137



CAROLINA BEATRIZ ÂNGELO

(Guarda, 16 de abril de 1878 — Lisboa, 3 de outubro de 1911)

Médica, sufragista, ativista dos direitos das mulheres

O dia tinha finalmente sido anunciado: 28 de maio de 1911. Era a primeira vez que se votava em Portugal, já que, até aí, o país vivera numa monarquia absoluta, governado por um rei. Era também inédito, em toda a Europa ocidental, uma mulher atrever-se a votar. A política era um assunto reservado aos homens.

Carolina sabia que teria de ser mais astuta do que os políticos da sua época. Leu e releu a lei, redigida de fresco e acabada de sair da revolução, e percebeu que não especificava quem podia votar: se só os homens ou se todos os cidadãos portugueses. Ora, ela era uma cidadã portuguesa, e até sabia ler e escrever. Era médica ginecologista e tinha a cargo a sua filha, Emília.

Não foi fácil, chegou até a ir a tribunal duas vezes para reivindicar o seu direito de voto, mas arregaçou as mangas e lutou com toda a sua força e inteligência por aquilo em que acreditava. E conseguiu!

No dia marcado, acompanhada por dez companheiras da Associação de Propaganda Feminista que quiseram testemunhar, em primeira mão, o feito, Carolina Beatriz Ângelo foi votar. Aguardava-as uma multidão de curiosos à porta do Clube Estefânia, de tal forma, que voluntários da polícia decidiram guardar o local. Também os jornalistas não quiseram perder pitada e, às nove da manhã em ponto, já lá estavam, em grande número, a marcar presença. Era um momento único, que ninguém queria perder.

Quando Carolina chegou, deparou-se de imediato com a primeira dificuldade: não queriam deixá-la entrar. Só estavam autorizadas pessoas que fossem votar e, para o voluntário que controlava a entrada, era óbvio que uma mulher não podia votar. Estava enganado. Carolina entrou e votou com o número de eleitor 2513, deixando o seu nome para sempre inscrito nos anais da História de Portugal e da Europa ocidental. Infelizmente, os senhores legisladores da recém-nascida República Portuguesa apressaram-se a mudar a lei e a incluir o género feminino como fator de exclusão ao sufrágio, impedindo assim as mulheres de votar – mesmo num regime democrático. Foram precisos 63 anos e uma revolução para que se declarasse em Portugal o sufrágio universal.

A vida de Beatriz Ângelo foi pioneira em várias frentes: integrou o primeiro grupo de mulheres a defender direitos e deveres iguais para homens e mulheres; foi a primeira mulher da Europa ocidental a votar; foi a primeira mulher a realizar uma cirurgia e foi a primeira feminista portuguesa, e única da sua época, a defender o serviço militar obrigatório para as mulheres.



BEATRIZ COSTA

(Mafra, 14 de dezembro de 1907 — Lisboa, 15 de abril de 1996)

Atriz, escritora, aventureira

Muito faladora e sem papas na língua, Beatriz, dona de uns olhos matreiros, recusou terminantemente que as adversidades da vida a vencessem. Preferia encará-las de frente, do alto do seu metro e meio de altura e com um sorriso imenso. E foi com esse sorriso que, da menina que dormia no vão das escadas, se fez a mulher literata que ocupou até morrer um quarto do Hotel Tivoli, em Lisboa.

Aos cinco anos, depois de uma série de tristes acontecimentos, Beatriz foi trazida para Lisboa, para viver no Beco da Ricarda. Foi adotada pelo grande pintor José Malhoa e pela sua mulher, que lhe chamavam *Gioconda Pequenina* e para quem passou a posar e a servir de inspiração. Foi assim que ganhou os primeiros dinheiros e aprendeu a poupar.

Em 1923, com 15 anos, faz ranger pela primeira vez as tábuas do Teatro Éden como corista na revista *Chá e Torradas*. Correu muito mal. Não tinha jeito nenhum para dançar e acertar o passo: quando as outras coristas lançavam a perna para a direita, Beatriz ia para a esquerda; se era para ir para trás, ela vinha para a frente. Esteve quase para desistir... Mas a sua paixão pelo teatro e pelos artistas de cara pintada era tal que, mesmo desajeitada e trapalhona, lá a deixaram embarcar quando a companhia foi em digressão pelo Brasil. Durante a viagem, a atriz principal adoeceu. Descarada e espertalhona, Beatriz, que sabia de cor todas as músicas de tanto as ouvir nos camarins, pediu para fazer o número da vedeta. O sucesso foi tal que, quando o barco atracou no Brasil, já não era corista, mas sim uma atriz de revista. Daí até passar a primeira figura foi um saltinho. Podia não ter jeito para coreografias, mas nascera com um talento natural para comunicar e fazer rir a audiência, e as suas graçolas e canções passaram a andar na boca de todos.

Ao longo da sua vida foi-se alfabetizando, como gostava de dizer, com a ajuda do seu amigo e escritor Aquilino Ribeiro e da Livraria Bertrand, no Chiado, que lhe emprestava todos os livros que quisesse. Sem receio de comentários maliciosos, desatou a fazer perguntas e infiltrou-se nas tertúlias da Brasileira, um café frequentado pelos intelectuais mais brilhantes da época, onde ela e Sarah Affonso, uma pintora portuguesa, eram das poucas mulheres que por lá se viam. Por nunca ter tido acesso a uma educação sistémica ou a um ambiente cultural, mandou construir uma escola primária na sua aldeia natal, a Charneca do Milharado, em Mafra. Esta foi uma das maiores alegrias da sua vida: dar às crianças da sua aldeia a possibilidade de estudarem.



BRANCA EDMÉE MARQUES

(Lisboa, 14 de abril de 1899 — Lisboa, 19 de junho de 1986)

Cientista, investigadora, colega de Marie Curie

Branca viveu numa época em que a ciência era uma área dominada pelos homens e praticamente vedada às mulheres. Quando terminou a licenciatura em Ciências Físico-Químicas, na Universidade de Lisboa – um feito já de si muito raro para uma mulher na primeira metade do século xx –, foi, a medo, convidada pelo professor de Química para trabalhar como segundo assistente:

– Não sei se os alunos a levarão a sério e se conseguirá manter a sua compostura, já que será a única mulher, entre professores e funcionários, a trabalhar no departamento de Química. Só espero que os restantes consigam aceitar esta modernice de haver mulheres mais inteligentes do que eles.

Deve ter sido bem-sucedida, uma vez que pouco tempo depois, conseguiu a sua primeira bolsa de investigação. Lá foi ela para Paris, estudar Física Nuclear no Laboratório Curie do Instituto do Rádio. Branca estava nervosa, mas também muito entusiasmada. Ia ter a honra de aprender, e trabalhar lado a lado com Marie Curie, a única mulher a quem até à data fora entregue o prémio Nobel da Química e da Física.

Começou por trabalhar numa pesquisa sobre leis da separação do actínio a partir das terras raras actiníferas. O actínio, do grego «aktinos», que significa raio luminoso, é um elemento químico de cor prateada extremamente radioativo e potencialmente muito nocivo para a saúde – tanto quanto o plutónio. Quando se desliga a luz, o actínio brilha no escuro com uma luz azulada. É muito bonito.

Sob a orientação de Marie Curie, terminou o seu doutoramento na Sorbonne, em Paris, a 21 de novembro de 1935, mas só no ano seguinte é que viu o feito reconhecido pela universidade portuguesa. Em Portugal, na década de 1930, acreditava-se que o papel da mulher devia ser o de cuidadora do lar, dos filhos e do marido, razão pela qual, para o regime de Salazar, este foi um sapo difícil de engolir: uma mulher cientista, imagine-se, e que ainda por cima obteve a menção de *très honorable*, nota máxima num doutoramento em França.

Quando decidiu voltar para Portugal, o governo autorizou-a, não sem grande renitência – não fosse virar moda as mulheres quererem saber mais de neutrões e protões que dos seus lares –, a fundar o Laboratório de Radioquímica em Lisboa. Branca foi sua diretora até morrer, aos 87 anos, em 1986. Os seus alunos contam, divertidos, que Branca se referia a Marie Curie como Maria. Gostava que soubessem que tinham sido muito amigas além de colegas de trabalho. A sua vida foi brilhante, tal como o actínio!

O que têm em
comum a padeira Brites
de Almeida, a sufragista
Beatriz Ângelo, a atriz Beatriz Costa
e a pintora Paula Rego?
Além de serem todas mulheres, lutadoras,
corajosas, independentes e livres...
são **Portuguesas com M Grande!**





Todos temos o sonho de mudar o mundo e mudar
com ele, de criar futuros e esperança, de ser livres
para escolher, transformar, crescer e aprender,
de errar e construir um caminho, de viver uma
vida em pleno. E hoje todos podemos fazê-lo.

Mas para aqui chegar foi necessária
a coragem de mulheres sem medo de
ir mais longe e com um grande
desejo de mudança.

Um livro para nunca esquecermos
como aqui chegámos
e nos lembrarmos de que
podemos ir ainda mais longe.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt
 penguinkidspt
 penguinkidspt
 penguinlivros

ISBN 9789897849343



9 789897 849343 >